

Infância Indígena Apinayé: reflexões sobre o ser criança na aldeia

 Rosimar Locatelli¹,  Janaina Ribeiro de Rezende²

^{1, 2} Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT. Centro de Educação, Humanidades e Saúde (CEHS). Rua 06, Vila Santa Rita. Tocantinópolis - TO. Brasil.

Autor para correspondência/Author for correspondence: rosilocatelli@mail.uft.edu.br

RESUMO. O presente artigo objetiva refletir sobre aspectos sócio-históricos e culturais da infância Apinayé, com base em revisão de duas pesquisas etnográficas realizadas com esse povo, um TCC de Pedagogia, desenvolvido em 2012, e uma pesquisa de Mestrado em Letras, finalizada em 2016. Partimos da compreensão da infância enquanto uma construção sócio-histórica. Portanto, ao refletir sobre as crianças Apinayés, defendemos uma abordagem sensível e atenta aos modos de vida desse povo. Buscamos considerar aspectos culturais, étnicos, geracionais, históricos e geográficos para tentar compreender essa infância. Destacamos que a cultura Apinayé, vivenciada e praticada pelas crianças por meio dos ritos, tradições e costumes ocupam uma dimensão constitutiva da infância desse povo. Além disso, as crianças não só reproduzem o que lhes é ensinado, mas inventam, criam e transformam o que lhes é oferecido por meio da cultura de pares, enquanto sujeitos ativos, que brincam, elaboram e constroem. O corpo, a relação com a natureza e os grupos infantis são indispensáveis para se entender o jeito que essas crianças estão no mundo. Mais do que trazer conclusões sobre o modo de ser criança indígena, propomos reflexões sobre as infâncias possíveis, tecidas entre brincadeiras, responsabilidades e aprendizagens nas aldeias Apinayé.

Palavras-chave: infância Apinayé, infância indígena, culturas de pares, sociologia da infância.

Apinayé Indigenous Childhood: reflections on being a child in the village

ABSTRACT. This article aims to reflect on socio-historical and cultural aspects of Apinayé childhood, based on a review of two ethnographic research carried out with this people, a TCC in Pedagogy, developed in 2012, and a Master's in Letters research, completed in 2016. We start from the understanding of childhood as a socio-historical construction. Therefore, when reflecting on the Apinayé children, we defend a sensitive and attentive approach to the ways of life of these people. We seek to consider cultural, ethnic, generational, historical and geographic aspects to try to understand this childhood. We emphasize that the Apinayé culture, experienced and practiced by children through rites, traditions and customs, occupies a constitutive dimension of childhood for this people. Furthermore, children not only reproduce what they are taught, but they invent, create and transform what is offered to them through peer culture, as active subjects who play, elaborate and build. The body, the relationship with nature and children's groups are essential to understand the way these children are in the world. More than bringing conclusions about the way of being an indigenous child, we propose reflections on possible childhoods, woven between games, responsibilities and learning in the Apinayé villages.

Keywords: Apinayé childhood, indigenous childhood, peer cultures, childhood sociology.

Infancia Indígena Apinayé: reflexiones sobre ser niño en el pueblo

RESUMEN. Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre aspectos sociohistóricos y culturales de la infancia apinayé, a partir de una revisión de dos investigaciones etnográficas realizadas con este pueblo, una TCC en Pedagogía, desarrollada en 2012, y una Maestría en Literatura, concluida en 2016. Partimos de la comprensión de la infancia como una construcción socio-histórica. Por eso, al reflexionar sobre los niños Apinayé, defendemos un acercamiento sensible y atento a las formas de vida de este pueblo. Buscamos considerar aspectos culturales, étnicos, generacionales, históricos y geográficos para intentar comprender esta niñez. Destacamos que la cultura Apinayé, vivida y practicada por los niños a través de ritos, tradiciones y costumbres, ocupa una dimensión constitutiva de la infancia de este pueblo. Además, los niños no solo reproducen lo que se les enseña, sino que inventan, crean y transforman lo que se les ofrece a través de la cultura de iguales, como sujetos activos que juegan, elaboran y construyen. El cuerpo, la relación con la naturaleza y los grupos infantiles son fundamentales para comprender la forma en que estos niños son en el mundo. Más que sacar conclusiones sobre el modo de ser niño indígena, proponemos reflexiones sobre infancias posibles, entretejidas entre juegos, responsabilidades y aprendizajes en los pueblos apinayé.

Palabras clave: niñez Apinayé, niñez indígena, culturas de pares, sociología infantil.

Introdução

O presente artigo é foi produzido como trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Educação Infantil da Universidade Federal do Tocantins – UFT, Campus de Tocantinópolis – TO. Nesse sentido, buscamos trazer elementos para refletir sobre a infância indígena Apinayé¹, povo que vive em Terra Indígena demarcada na década de 1980 e localizada ao Norte do estado do Tocantins, na região conhecida como Bico do Papagaio. A fonte das informações apresentadas nesse trabalho é de pesquisas realizadas anteriormente (Locatelli, 2012; Locatelli, 2016), que possibilitaram que reflexões e considerações sobre o modo de ser criança no contexto sociocultural Apinayé.

Tocantinópolis é marcada social, cultural e economicamente pela convivência, nem sempre harmoniosa, entre indígenas e não indígenas, já que quase 45% da área do município é ocupada pela Terra Indígena – TI Apinayé. Assim, esse território é atravessado por muitas memórias, construções do passado como experiência coletiva de formação de opiniões e tradições.

DaMatta (1976) constatou que, na década de 1970, o distanciamento e hostilidade existente entre os indígenas e a população de Tocantinópolis eram, na verdade, um sentimento que misturava medo e preconceito tanto entre o “povo da rua”, como é chamado quem mora na cidade, como entre os Apinayé.

Esses sentimentos colonizatórios, construídos pela narrativa urbana e não indígena, permanece dentro dessas relações:

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história (Krenak, 2019, p. 3).

Sem dúvida, a busca por compreender melhor os sujeitos indígenas, em especial, as crianças, enquanto produtores de cultura foi um dos motivos que conduziram a realização dessa pesquisa. Para tanto, esperamos nos contrapor à postura “civilizatória” e colonizadora que ainda existe com relação aos indígenas Apinayé. Assim, buscamos pinçar nas nossas pesquisas aspectos que contribuíssem para a compreensão da realidade da infância Apinayé, de modo a refletir sobre as culturas infantis e infâncias indígenas.

O discurso hegemônico tende a negar a existência da diversidade, o que não é diferente no campo acadêmico. Desse modo, muitas vezes, os estudos relacionados à infância desconsideram as especificidades indígenas, estabelecendo um padrão e classificações que não ajudam a compreender a vidas das crianças nas aldeias. Desta forma, esse estudo busca abordar à infância indígena, desatrelando-a de uma concepção de infância generalizada, de uma visão hegemônica europeia, urbana e branca.

Nos estudos do campo da etnologia indígena, pesquisas sobre a infância vem, aos poucos, ganhando espaço. Nesse sentido, contribuições para a compreensão da criança indígena Apinayé podem ser relevantes para os estudos em relação à infância indígena no Brasil, que é uma área recente e pouco explorada academicamente.

A fim de tentar compreender aspectos das infâncias indígenas, além de refletir sobre características da infância Apinayé e o sentido que tal sociedade indígena atribui à criança, olhamos para as formas de ser criança nas aldeias. Assim buscamos refletir os seguintes questionamentos: Como as crianças indígenas Apinayé vivenciam culturas infantis? Quais os sentidos que a sociedade indígena Apinayé atribui à criança?

O objetivo geral deste trabalho foi discorrer sobre a infância e as formas de sociabilidade da criança indígena Apinayé, a partir de estudo de campo e observações registradas em pesquisas anteriores. Os objetivos específicos foram posicionar teoricamente a concepção de infância(s) e de infância(s) indígena(s) de que partimos; destacar aspectos específicos e comuns da infância Apinayé, relacionando com a cultura indígena e as culturas infantis.

O estudo sobre infância nos provoca a pensar sobre qual infância nos referimos, já que essa é uma concepção atravessada por questões históricas, econômicas, políticas, sociais, étnicas, de gênero... Pesquisas recentes sobre o tema têm reforçado a necessidade de se compreender que existem várias infâncias, categoria construída sócio-historicamente.

Ariès (2011) aponta as mudanças nas formas de representação e de tratamento que as crianças recebiam ao longo da história. Na Idade Média europeia, a infância era considerada uma fase sem importância e, durante muito tempo, permaneceu silenciada e invisibilizada. Tendência que ainda persiste em alguns setores sociais.

Mais recentemente, quando se assumiu a infância como uma fase relevante e que demanda cuidados específicos, a ciência passou a se debruçar com mais atenção às crianças. No entanto, o conceito de infância, muitas vezes, generaliza um modo de ser criança das classes dominantes, invisibilizando outros, como tende a ser o caso das infâncias indígenas.

No campo acadêmico, a infância indígena vem aos poucos ganhando espaço. Conforme indicam Tassinari (2009) e Cohn (2013), o estudo em relação à infância indígena no Brasil é algo recente. No Brasil, esse tema tem se tornado uma tema mais pesquisado em diferentes áreas do conhecimento, apontando relevantes aspectos para a construção de uma etnologia indígena brasileira. Aracy Lopes da Silva, Ana Vera da Silva Macedo e Ângela Nunes (2002) trazem a construção de uma nova perspectiva de infância indígena, rompendo com a visão “adultocêntrica” historicamente predominante.

Ao debruçarmos sobre a infância indígena, percebemos que o tema é atravessado por fatores econômicos, geográficos, culturais e linguísticos, que possibilitam vivências infantis distintas. Embora sejam inúmeras as diferenças culturais entre os povos, existem muitos pontos em comum na criação das crianças que se assemelham entre os diversos grupos étnicos, conforme observa Mandulão (2006, p. 219):

Quando a criança nasce, é uma extensão da mãe que a amamenta e a protege. A criança é socializada pela família e nas relações cotidianas da aldeia. Ela aprende fazendo, experimentando, imitando os adultos. As crianças acompanham os pais e os seus brinquedos são miniaturas dos instrumentos que posteriormente irão utilizar em sua vida de adulto. Neste sentido, podemos inferir que a forma de ensinar nas comunidades indígenas têm como princípios inseparáveis a construção do ser, pela observação, pelo fazer, testado dentro de um contexto real.

Silva, Macedo e Nunes (2002, p. 18), apresentam seis princípios para compreender a noção de infância indígena:

1. A infância deve ser entendida como uma construção social, fornecendo assim um quadro interpretativo para os primeiros anos da vida humana ...
2. A infância deve ser considerada como variável de análise social, tal como gênero, classe e etnicidade ...
3. As relações sociais e a cultura das crianças são merecedoras de estudos em si mesmas, independente da perspectiva e dos interesses dos adultos.
4. As crianças devem ser vistas como ativas na construção e determinação de sua própria vida social, na dos que as rodeiam, e na da sociedade na qual vivem. As crianças não são apenas sujeitos passivos de estruturas e processos sociais.
5. A etnografia é um método particularmente útil ao estudo da infância ...
6. A infância é um fenômeno em relação ao qual uma dupla hermenêutica das ciências sociais está presente, ou seja, a proclamação do novo paradigma da sociologia da infância também deve incluir e responder ao processo de reconstrução da infância na sociedade

Com base nesses princípios, é que nos propomos a falar sobre a infância Apinayé, entendendo que é um contexto étnico composto de uma enorme diversidade cultural. Compreendemos que existem diferenças entre as infâncias indígenas e não é possível abranger a totalidade dessas manifestações a partir do estudo de um povo. Além disso, é necessário o afastamento da concepção generalizada de uma infância urbanizada,

eurocêntrica, da classe dominante, moradora das regiões centrais do país que tende a ser adotada nos estudos sobre crianças. É preciso buscar um olhar amplo das formas indígenas de entender à infância.

A priori, é importante se aproximar da criança indígenas para perceber sua infância. Nesse sentido, buscamos referências nas produções acadêmicas sobre o tema, que revelam a participação dessas crianças nas atividades cotidianas, nos rituais tradicionais da aldeia, bem como nas relações com os adultos.

Tassinari (2007, p. 22) ressalta cinco aspectos importantes de serem considerados nos estudos sobre a(s) infância(s) indígena(s):

- 1) o reconhecimento da autonomia da criança e de sua capacidade de decisão; 2) o reconhecimento de suas diferentes habilidades frente aos adultos; 3) a educação como produção de corpos saudáveis, 4) o papel da criança como mediadora de diversas entidades cósmicas; 5) o papel da criança como mediadora dos diversos grupos sociais

Essas perspectivas com relação às infâncias contribuem para a compreensão da especificidade dessas infâncias. Entendemos a infância como um tempo da vida, uma condição singular da experiência humana. E foi com esse olhar atento, cuidadoso e respeitador que buscamos observar as crianças e a infância Apinayé.

Percursos investigativos: caminhos percorridos

Esse trabalho se baseia em informações levantadas em pesquisas e trabalho de campo, que somam mais de oito anos de estudos com os Apinayé, principalmente, na Aldeia São José, localizada na TI Apinayé, no município de Tocantinópolis - TO. Para contextualizar as fontes das informações utilizadas na construção desse artigo, apresentamos inicialmente um resumo dessa jornada etnográfica entre os Apinayé.

Na graduação em Pedagogia da UFT, Campus de Tocantinópolis, desenvolvi o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, intitulado *Criança Indígena Apinayé a Alfabetização Bilíngue no contexto da Aldeia São José* (Locatelli, 2012), orientado pelo Prof. Dr. Francisco Edwiges Albuquerque. Esse estudo tinha como objetivo compreender como a alfabetização bilíngue era desenvolvida na Escola Estadual Indígena *Mãtyk*, localizada na Aldeia São José, a partir da observação em sala de aula.

Nessa pesquisa, buscamos explorar a formação da criança no contexto de construção de uma identidade indígena e a aquisição dos conhecimentos a partir dos ensinamentos escolares. Foi possível perceber que havia uma necessidade de construção do sujeito bilíngue nas

relações sociais, uma vez que a história recente do povo Apinayé é atravessada por uma vivência com modelos culturais não-indígenas, que foi imposta, mudando e reconstruindo as relações estabelecidas entre eles e entre a sociedade.

Ressaltamos a necessidade da valorização dos ensinamentos dos costumes e tradições guardados nas memórias anciões da comunidade. Caso não se cultive, esses saberes podem ser perdidos a medida que os mais velhos morrem e as novas gerações não preservem tais conhecimentos, expresso nos rituais, artesanatos e cantorias. Destacamos que a educação escolar Apinayé pode ser lugar privilegiado para essas aprendizagens, uma vez que cultivar os aspectos tradicionais da cultura indígena deve ser uma das responsabilidades da instituição de ensino nesse contexto.

A segunda pesquisa foi desenvolvida durante o Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura, na mesma universidade, no campus de Araguaína, também sob a orientação e supervisão do professor Dr. Francisco Edwiges Albuquerque. A dissertação teve como título: *O processo de aquisição do português como L2 (Segunda língua)* (Locatelli, 2016).

Tratou-se de pesquisa etnográfica, que buscou aprofundar os achados da pesquisa anterior, a partir da compreensão do processo de aquisição do Português como segunda língua – L2 entre os alunos Apinayé do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental da Escola Indígena *Mãtyk*, da Aldeia São José. A faixa etária escolhida se deu pelo motivo de ser nessa etapa que de fato eles começam a apropriação da segunda língua. Assim, investigamos como o Português era ensinado e como essas crianças aprendiam.

É válido ressaltar que a língua Apinayé, denominada como língua materna, é a primeira língua que aprendem na aldeia e, portanto, a língua que as crianças são inicialmente alfabetizadas, já o Português é a segunda língua. Os resultados da pesquisa apontam um ensino fragilizado do Português como L2, o que contribui com questões bem complexas, como o isolamento e desigualdade de acesso dos indígenas aos bens culturais, intelectuais e tecnológicos da sociedade hegemônica, sendo um fator que aumenta a discriminação que eles sofrem na sociedade não indígena.

Entendemos que esse é um processo intrincado e que se constitui de forma dialética, na qual convivem duas situações extremas e complexas: de um lado, a sociedade indígena com seus valores culturais e língua estigmatizadas e do outro, a sociedade majoritária que mantém o domínio das relações culturais, linguísticas, políticas, econômicas e financeiras, em que as comunidades indígenas estão cada vez mais dependentes e submetidas às regras para

sobreviverem. Assim, os Apinayé se fortalecem pela manutenção de sua cultura através das práticas tradicionais, rituais, cantorias, pinturas e a língua, o que favorece a identidade étnica. Ao mesmo tempo em que o domínio da Língua Portuguesa é fundamental para as relações interétnicas, o que exerce uma relação de poder entre as culturas. Dessa forma, os Apinayés se deparam com um conflito linguístico.

Com base nas informações reunidas na convivência nas aldeias durante o desenvolvimento dessas pesquisas, passamos a refletir sobre aspectos que caracterizam a infância Apinayé. A partir de 2020, período de início da realização do curso de Especialização em Educação Infantil da UFT, em decorrência da pandemia de Covid-19 e das restrições sanitárias para evitar a disseminação da doença, o acesso às aldeias passou a ser limitado. De modo que não foi possível realizar novas incursões a campo, conforme planejado inicialmente.

Assim, para a elaboração do presente trabalho, partimos de percursos investigativos de base bibliográfica, visando subsidiar a análise das informações. Além disso, baseamo-nos nas informações e registros já realizados nas pesquisas anteriores, por meio das observações dos trechos das pesquisas que revelam as características da infância Apinayé, bem como, das anotações do diário de bordo com informações inéditas, que na época não eram o objeto das pesquisas. Destacamos que os frutos desse trabalho vêm de um longo convívio, vivências espontâneas e lúdicas com as crianças Apinayé, em momentos informais e no ambiente escolar, nas festas culturais, no banho no ribeirão da aldeia e em muitas outras situações do cotidiano, que possibilitaram a tessitura dessas reflexões.

Apinayé: o povo que resiste entre os rios Araguaia e Tocantins

Os Apinayés pertencem ao grupo dos povos Timbira, cuja língua faz parte da família linguística Jê, possuindo uma cultura marcada pela tradição oral, rica tanto do ponto de vista material como imaterial. O povo Apinayé ocupava o território entre os rios Araguaia e Tocantins. Atualmente, a Terra Indígena Apinayé abrange os municípios de Cachoerinha, Maurilândia do Tocantins, São Bento do Tocantins e Tocantinópolis, ao Norte do estado de Tocantins.

Sua população é de 2.342, de acordo com Torres e Costa (2014), e vive da caça, pesca, coleta e agricultura como formas de subsistência no território. No entanto, essas formas de reprodução da vida sofrem os impactos do desmatamento, urbanização, expansão do

agronegócio e de grandes projetos de desenvolvimento na região. Portanto, as formas de vida tradicionais nem sempre têm garantido o provimento de alimentos que seria necessário. Uma fonte de renda importante das famílias Apinayé vem da aposentadoria dos idosos, de programas sociais, como o Bolsa Família, bem como de salários de membros que trabalham em cargos públicos, em escolas ou no serviço de saúde, de acordo com as informações do Distrito Sanitário Especial Indígena do Tocantins – DSEI/TO (Ladeira & Azanha, 2003).

Esse povo vive suas tradições e contribui significativamente com a preservação e manutenção dos riachos, fauna e flora da região, o que pode ser confirmado em dados apresentados pelo Instituto Socioambiental – ISA (s/d), com relação aos índices de desmatamento da TI.

Giraldin (2001, p. 33) apresenta elementos que atestam a abundância da riqueza cultural e natural da cultura desse povo:

Os Apinaje são mais um grupo que pensa o universo unificado através do compartilhamento de elementos (os *mẽ karõ*) presentes tanto no reino animal quanto no vegetal. Tais elementos mostram que também para os Apinaje não se aplica aquela dicotomia clássica do pensamento das sociedades modernas, separando natureza e cultura.

Apinagé (2017) destaca que mesmo com a convivência cada vez mais ampla com a cultura de *kupẽ* (não indígena), os Apinayé resistem se organizando na comunidade tradicional e preservando a cultura, apesar de todos os conflitos enfrentados de ordem econômica, política, linguística e cultural. Nesse sentido, fortalecer o ensino étnico nas escolas indígenas pode ser uma das maneiras de valorização da cultura tradicional, uma vez que as crianças são o foco principal dessa ação pedagógica, podendo ajudar na preservação de conhecimentos ancestrais.

As crianças fazem parte da cultura Apinayé de forma vívida e ativa. Nesse sentido, as práticas sociais presentes na comunidade apresentam um conjunto extenso de habilidades, as quais as crianças Apinayé vão gradativamente aprendendo, à medida que participam delas. Assim, o processo de socialização das crianças Apinayé é uma dimensão importante para entendermos essa cultura indígena.

Os jeitos de ser criança Apinayé: a infância compartilhada no “quintal maior do que o mundo”²

Os estudos de Curt Nimuendajú (1983); Roberto da Matta (1976); Francisco Edviges Albuquerque (2007); Severina Alves de Almeida (2010; 2011); Rosimar Locatelli (2012);

2016) trazem reflexões sobre o modo de vida desse povo, oferecendo apontamentos sobre a infância Apinayé.

Existe um consenso entre os trabalhos analisados, de certo modo, ao caracterizarem a aprendizagem da criança indígena quando participam das atividades cotidianas, dos rituais tradicionais e enquanto observam pessoas adultas. Nesse sentido, essas práticas funcionam como exemplo ou modelo para seu aprendizado.

A cultura Apinayé se expressa nos mitos, na produção de artesanato, nos rituais, nas festas tradicionais, nas cantorias, nas pinturas corporais, nas danças, na culinária e nas brincadeiras vivenciadas e praticadas por adultos, idosos e crianças. Estas, enquanto dançam e cantam as músicas indígenas com os mais velhos, brincam, constroem memórias e aprendem.

Ao falar da infância Apinayé, é necessário destacar o lugar que elas vivem, convivem e um conjunto de fatores que as envolvem. Inicialmente, os Apinayé vivem em famílias extensas, chegando a morar até seis famílias nucleares em uma mesma casa, ou seja, até a quarta geração de uma família³ compartilham o mesmo espaço. Isso significa que as crianças convivem intensamente com os adultos e os seus pares.

A infância é entendida pela cultura Apinayé como um momento único de existência, e que não se espera outra coisa além do que já é, pois sabem que a criança já é tudo o que precisa ser. Além disso, ela precisa brincar para ser plenamente criança (Munduruku, 2018).

Não é difícil observar o respeito a essa fase da vida no cotidiano das aldeias Apinayé, visto que as crianças estão sempre presentes, subindo em árvores, brincando de terra, construindo brinquedos com a palha de palmeira, banhando no ribeirão, correndo, jogando futebol, cuidando umas das outras. Estes elementos contribuem com a construção da identidade cultural indígena nas crianças, que se desenvolvem de forma plena.

Tassinari (2009) destacou cinco aspectos recorrentes que configuram o aprendizado das crianças indígenas: a) a forma de interação entre crianças e adultos; b) as noções da cultura local sobre corpo, aprendizagem e desenvolvimento infantil; c) as posições diferentes que as crianças assumem no processo; d) a indissociabilidade do momento de ensino com o momento da prática; e) as práticas são desenvolvidas, principalmente, no contexto da aldeia.

É possível identificar cada um dos aspectos descritos acima no processo de socialização das crianças Apinayé, pois o primeiro lugar de aprendizagem das crianças é o quintal de sua própria casa, no terreiro, no pátio, no chão de barro. Lugar onde nasceram e, quando ainda pequenos, iniciam seu processo de socialização. Grupioni (2001) relata que as crianças

indígenas aprendem como em todo lugar, elas têm seu pequeno mundo, têm brinquedos de palha, de madeira, de barro e cabaça, imitam os adultos nos afazeres cotidianos.

As pesquisas entre os Apinayé mostram que muitos dos ensinamentos são passados das mães para filho(a). As crianças pequenas estão sempre nos colos de suas mães, que os amamentam a todo momento. Dessa forma, desde que nascem, os bebês são integrados na cultura comunitária, já que a responsabilidade de criação parece ser compartilhada por toda a aldeia, mãe, pai, família e outras crianças. Ao aprender a andar, a participação das crianças nas atividades da casa se intensifica, tendo contato com objetos, alimentando-se sozinhas, pegando na terra.

Acompanhar ao cotidiano das crianças Apinayé é um processo revitalizador. A vivência cotidiana na aldeia proporciona às crianças uma liberdade, a solidariedade que se torna ato muito comum entre os pequeninos no dia a dia.

As crianças Apinayé dividem o tempo com as atividades escolares e com suas brincadeiras, na maioria dos períodos estão expostos ao tempo e a natureza; brincam no chão com a terra, inventam brinquedos com peças de pau, barro ou ossos, algumas têm acesso a brinquedos urbanos como bola e bonecas (Locatelli, 2012, p. 32).

Assim, a socialização se inicia no âmbito familiar, que insere as crianças na vida de seu grupo doméstico. Conforme a criança cresce, ela passa a extrapolar o limite da casa e vivencia todo espaço da aldeia (que de certa forma, é a casa dela). O ribeirão, o pátio, o campo de futebol, as árvores são espaços de socialização e aprendizagem das crianças. As crianças aprendem a andar e a falar, recebem os primeiros ensinamentos nesses espaços.

Aracy Lopes da Silva, Ana Vera da Silva Macedo e Ângela Nunes (2002) destacam o papel das crianças como sujeitos sociais completos e interlocutores legítimos no processo de aprendizado e desenvolvimento. Elas afirmam que constituir uma concepção própria do que é ser criança indígena na aldeia, possibilita que o processo de aprendizagem dela ocorra através de iniciativas próprias.

As crianças têm muita autonomia, compartilham as brincadeiras, banhos de ribeirão, as produções de brinquedo e os cuidados umas das outras de forma coletiva, comunicam-se, participam e se envolvem nos ritos, nos costumes tradicionais conjuntamente com as demais, escutam os saberes e constroem o seu jeito de ser criança.

De acordo com Corsaro (2011), são nessas interações com seus pares, os grupos sociais com que se relacionam e nos contextos de vida em que estão inseridas, que as crianças, agentes sociais ativos e criativos, produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis. Essas

aprendizagens, que estão nos pátios, nos quintais e nos terreiros das aldeias são determinantes no mundo particular dessas crianças, que são permeadas de uma construção histórica de hábitos e costumes do conhecimento popular e eminentemente coletivo que acontece entre pares.

Segundo o autor, a cultura de pares infantil pode ser definida como “um conjunto estável de rotinas ou atividades, valores, artefatos e preocupações que as crianças produzem e compartilham em interação com os demais” (Corsaro, 2011, p. 128). E continua “uma suposição importante da abordagem interpretativa é que características importantes das culturas de pares surgem e são desenvolvidas em consequência das tentativas infantis de dar sentido e, em certa medida, a resistir ao mundo adulto.” (Corsaro, 2011, p. 129).

O sociólogo mostra que as famílias desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da cultura de pares. Sem dúvida, a família é muito importante para as crianças Apinayé, é a primeira referência que elas têm, e a partir daí, vão gradativamente aprendendo, a medida que participam e estabelecem relações com os demais.

A partir das observações, compreendemos que as crianças compartilham espaços importantes de socialização da cultura Apinayé e de construção do seu modo de ser criança na aldeia, sendo eles: os rituais tradicionais e os grupos infantis, em que elas produzem a cultura de pares, aspectos que serão abordados a seguir.

A infância, a cultura infantil Apinayé e os rituais tradicionais

A cultura Apinayé é extremamente rica, com variadas manifestações, rituais e formas de expressão. As crianças estão presentes nos espaços das tradições, seja como observadoras ou participando das cerimônias. Algumas dessas manifestações foram destacadas nos estudos de Curt Nimuendajú e selecionamos um dos costumes, por retratar uma dimensão do cuidado com a infância:

A família de um morto, evita que durante o período de luto as crianças andem na roça, com medo da alma do falecido. As almas ou sombras são mortais, isto é, depois que passam muito tempo na terra elas morrem ou transformam-se em outra coisa como: tocos, cupins ou animais. Em vida, a alma de uma pessoa pode se desligar do corpo, isso pode ocorrer principalmente com as crianças, que ao levarem uma queda ou um grande susto, sua alma poderá sair de seu corpo e ficar perdida no mato, na roça ou no local que a criança estava no momento da queda. Ninguém, com exceção do *vayangá*⁴, vê a alma ou ouve o choro da criança, e, só este pode pegar a alma da criança e reintroduzir nesta (Nimuendajú, 1983, p. 113).

As crianças Apinayé convivem com esses aspectos culturais, que forjam formas de estar no mundo e interagir com a comunidade. Outro rito que as crianças passam é o *Mẽ kãm mẽ hixi* (festa de nome de batismo), que de acordo com Locatelli (2016), é um dos rituais mais comuns entre os Apinayé e costuma ser realizado sempre que nasce uma criança. Por meio desse ritual, a criança é batizada e recebe um nome.

O tempo que caracteriza o fim da infância e a adolescência é marcado pelo rito de passagem, chamado *Wyýtý* (ritual de passagem). Porém, segundo relato da anciã Mẽno⁵, esse ritual é mais comum no povo Krahô e não era muito praticado na Aldeia São José, por ser dispendioso de recursos financeiros para a organização de uma grande festa e nem todas as famílias conseguem fazer. Esse costume foi trazido a esse povo a partir de muitos casamentos existentes entre Apinayé e Krahô. O ritual de passagem, geralmente, é feito com a menina ou menino por volta dos 12 a 14 anos, pois é a partir daí que deixam a adolescência e já estão prontos para seguir suas vidas como adultos (Locatelli, 2016).

Todos os rituais exercem um papel muito importante na aprendizagem da criança Apinayé. É nessa interação que vão estabelecendo os laços culturais, a compreensão do seu espaço enquanto sujeitos de um povo, o que contribui na construção da sua identidade. Nesse contexto, as crianças brincam, usam adereços, pintam-se, dançam, cantam, falam sua língua, de forma espontânea.

Então, ser criança indígena Apinayé é aprender dentro de sua cultura, uma vivência diversa e complexa. A partir da qual percebemos e (re)afirmamos o valor das crianças como protagonistas dos seus espaços e participante dos contextos sociais em que são inseridas.

Crianças Apinayé produtoras de cultura

Percebemos a liberdade e natureza como aspectos constitutivos do modo de ser criança Apinayé, pois, elas tem um contato mais próximo e um modo de vida que valoriza o cerrado, sua vegetação, os ribeirões, os animais, em uma conexão mais integrada. A cultura lhes permite o silêncio, outra relação com o tempo, que não precisa ser cronometrado, mais atrelada aos ciclos naturais (Locatelli, 2011). As brincadeiras são aspectos da vida cotidiana das crianças Apinayé, identificadas nas mais simples formas de brincar, com pequenos objetos e elementos da natureza ou mesmo reinvenção do significado desses objetos e, principalmente, com o corpo.

As crianças, geralmente ensinadas pelas mães, respeitam e tem obediência aos mais velhos, que ensinam as tradições através da oralidade e do exemplo. Dessa forma, a criança Apinayé se integra gradativamente a realidade do mundo social, aprende sobre sua cultura e produz suas próprias manifestações, criando seus espaços de aprendizagens.

Para Egon Schaden (1974), o processo de educação nessas sociedades é realizado basicamente pela reprodução e pela participação da criança no mundo adulto, já que ela compartilha do cotidiano da casa, onde é envolvida com os trabalhos domésticos, na maioria do tempo está ligada a cuidar dos irmãos mais novos, lavar a louça, varrer a casa e buscar água, auxiliando o trabalho da mãe. Nesse sentido, podemos nos valer do conceito de reprodução, que para Corsaro (2011, p. 31) “inclui a ideia de que as crianças não se limitam a internalizar a sociedade e a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e mudança culturais”.

Assim, as crianças Apinayé se desenvolvem e aprendem nas relações com seus pares e com pessoas adultas, momento que atuam e interagem na criação de relações sociais. O tempo da infância e a condição de crianças para os Apinayé são construídos nas relações compartilhadas entre seus pares (Locatelli, 2016). Apesar de ajudarem os adultos em algumas atividades, as crianças estão juntas na maior parte do tempo, compartilhando brincadeiras, banho do riacho, caça aos pássaros, caminhadas em busca de frutas, jogo de bola e rodas de conversas com os adultos.

É recorrente ver as crianças agrupadas, em volta de uma árvore, no puxadinho da casa de palha ou em outros espaços da aldeia. Essas observações reafirmam as concepções de Corsaro (2011), ao definir as crianças como sujeitos atuantes na interação com os grupos sociais. Assim, podemos compreender as crianças Apinayé enquanto agentes sociais ativos e criativos nessas relações e nos contextos de vida em que estão inseridas.

É nesse espaço que as crianças Apinayé ressignificam e reproduzem suas culturas infantis. Elas recriam, elaboram as regras, o conjunto de competições, o que vence e aquele que perde, contam histórias e desenvolvem seu imaginário em elaborações próprias. Percebemos ainda, nesse ato, que ao mesmo tempo elas também contribuem para a produção de uma nova cultura na comunidade, quando reinventam o tempo, as brincadeiras e o uso de objetos próprios de sua infância, são capazes de interferir nesse espaço, como produtoras de novas culturas.

As crianças têm um modo ativo de ser e habitar o mundo, elas atuam na criação de relações sociais, nos processos de aprendizagem e de produção de conhecimento desde muito

pequenas. Sua inserção no mundo acontece pela observação cotidiana das atividades dos adultos, uma observação e participação heterodoxa que possibilitam que elas produzam suas próprias sínteses e expressões. A partir de sua interação com outras crianças – por exemplo, por meio de brincadeiras e jogos – ou com os adultos – realizando tarefas e afazeres de sobrevivência –, elas acabam por constituir suas próprias identidades pessoais e sociais. (Barbosa, 2007, p. 1066).

O brincar é visto de forma positiva e está presente na maioria das ações das crianças Apinayé, carrega elementos da cultura do seu povo e de outras culturas. Desse modo, as meninas e meninos constroem as suas compreensões de mundo e se apropriam das regras de seu meio social. Por essa, razão o brincar é tão importante e necessário não só na infância, mas por toda a vida.

Reflexões preliminares, já que há muito a desvelar...

Partimos da compreensão de que o conceito de infância é uma construção histórica e social. Portanto, não é possível afirmar que existe uma infância única e ideal, mas que, de acordo com o contexto, diferentes crianças compõem infâncias, no plural. Esse é um dos desafios de se estudar a(s) infância(s) indígena(s), atravessadas por aspectos econômicos, sociais, políticos, geográficos e culturais. Por isso, mais do que trazer conclusões sobre o modo de ser criança Apinayé, propomos reflexões sobre as infâncias possíveis, tecidas entre um banho de ribeirão, uma brincadeira no pátio, uma subida na árvore, um brinquedo de palha feito pelas mãozinhas habilidosas, um jogo de futebol e uma história contada nas aldeias desse povo.

No recorte que fizemos dos estudos realizados, percebemos que a vida da criança indígena Apinayé difere da das crianças da cidade, apesar da proximidade da área urbana de Tocantinópolis. Essas crianças indígenas participam das tradições de seu povo, cultivam costumes tradicionais e vivem, convivem e respiram a natureza, aprendem observando os mais velhos e participando da vida dos adultos.

Compreendemos que para a criança indígena Apinayé, assim como todas as crianças, a socialização é o que dá significados ao seu cotidiano. As práticas sociais presentes na comunidade atuam enquanto conjunto extenso de habilidades, as quais as crianças Apinayé aprendem gradativamente, à medida que participam e estabelecem relações com tais atividades. Assim, o processo de socialização das crianças Apinayé é uma dimensão importante para entendermos essa cultura indígena.

As crianças indígenas Apinayé transitam entre as suas culturas infantis e o universo das aprendizagens essenciais, sendo que o fazem de forma vívida e ativa. O espaço de vivência e de partilha é de extrema importância para a manutenção da cultura desse povo, resistência que tem início na infância.

Dessa maneira, as brincadeiras são aspectos da vida cotidiana das crianças Apinayé, identificadas nas mais simples formas de brincar, com pequenos objetos e elementos da natureza e, principalmente, com o corpo, que se põe em movimento, correndo, pulando, subindo em árvores, manipulando a palha de babaçu ou banhando no ribeirão. A tradição oral e o respeito aos mais velhos são elementos presentes na educação Apinayé, o que permite o aprendizado da cultura. Dessa forma, a criança Apinayé se integra gradativamente à realidade do mundo social, aprende sobre sua cultura e produz suas próprias manifestações, criando e compartilhando seus modos de estar no mundo.

Essa compreensão da infância indígena Apinayé vem a partir do olhar mais aprimorado para os meninos e as meninas das aldeias, buscando analisar a relação dessas crianças com os seus pares, o modo específico de socialização com a sua comunidade e cultura presentes no seu contexto social. Nesse sentido, destacamos a importância da realização de estudos complementares, que aprofundem o conhecimento sobre as culturas infantis Apinayés, a fim de dar mais visibilidade para esse modo de vida que tem tanto a ensinar às sociedades não indígenas.

Referências

Albuquerque, F. E. (2007). *Contribuição da fonologia ao processo de educação indígena Apinayé* (Tese de Doutorado). Universidade Federal Fluminense, Niterói.

Almeida, S. A. (2011). *A Educação Escolar Apinayé na Perspectiva Bilíngue e Intercultural: Um Estudo Sociolinguístico das Aldeias São José e Mariazinha* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Tocantins, Araguaína.

Apinagé, C. S. (2017). *Escola, meio ambiente e conhecimentos: formas de ensinar e aprender na teoria e na prática entre os Apinajé*.

Ariès, P. (2011). *História social da criança e da família* (2ª ed.). LTC: Rio de Janeiro.

Barbosa, M. C. S. (2007). Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: As Socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. *Educ. Soc*, 28(100), 1059-1083. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300020>

Cohn, C. (2005). *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Corsaro, W. A. (2011). *Sociologia da Infância* (2. ed.). Porto Alegre: Artmed.

Damatta, R. (1976). *Um Mundo Dividido: A Estrutura Social dos Índios Apinayé*. Petrópolis: Vozes.

Giraldin, O. (2001). Um mundo unificado: cosmologia, vida e morte entre os Apinajé. *Campos-Revista de Antropologia*, 1, 31-46. <https://doi.org/10.5380/cam.v1i0.1567>

Grupioni, L. D. B. (2011). Os povos Indígenas e a Escola Diferenciada: Comentários sobre alguns instrumentais jurídicos internacionais. In Grupioni, L. D. B., Vidal, L., & Fishmann, R. (Orgs.). *Povos Indígenas e Tolerância construindo práticas de respeito e solidariedade* (s./p.). São Paulo: EDUSP.

Instituto Socioambiental – ISA (s/d). *Terras indígenas no Brasil: Terra Indígena Apinayé*. Recuperado de: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3584#pressoes>. Acesso em: 06 ago. 2022.

Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Ladeira, M. E., & Azanha, G. (2003). *Povos indígenas no Brasil: Apinajés*. Instituto Socioambiental. Recuperado de: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Apinaj%C3%A9>. Acesso em: 07 ago. 2022.

Locatelli, R. (2016). *Aquisição do Português como Segunda Língua Pelos Alunos Apinayé da Aldeia São José* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Tocantins, Araguaína.

Locatelli, R. (2012). *As crianças indígenas Apinayé e a alfabetização bilíngue: um estudo exploratório na Aldeia São José* (Monografia de Graduação). Universidade Federal do Tocantins, Tocantinópolis.

Mandulão, F. S. (2006). Educação na visão do professor indígena. In Grupioni, L. D. B. (Org.). *Formação de professores indígenas: repensando trajetórias* (s./p.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.

Munduruku, D. (2018). Escrita indígena: registro, oralidade e literatura: O reencontro da memória. In _____. Dorrico, J., Danner, L. F., Correia, H. H. S., & Danner, F. (Orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção* (s./p.). Porto Alegre: Editora Fi.

Nimuendajú, C. (1983). *Os Apinayé*. Belém: Ed. UFPA.

Schaden, E. (1974). *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo: EPU/Edusp.

Silva, A. L., Nunes, A., & Macedo, A. V. L. S. (Org.) (2002). *Crianças indígenas: ensaios antropológicos*. São Paulo: Global.

Tassinari, A. (2001). Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In Silva, A. L., & Leal, M. K. F. (Orgs.). *Antropologia, História e Educação – A questão indígena e a escola* (s./p.). São Paulo: Global.

Torres, C. A. A., & Costa, M. O. (2020). Povo indígena Apinajé: ritual da tora grande (párkaper). *Articulando e Construindo Saberes*, 5. <https://doi.org/10.5216/racs.v5i.60382>

1 É possível se referir ao povo Apinayé com outra grafia, escrito da seguinte forma “Apinajé”. A escolha da grafia Apinayé foi definida pelas contribuições dos estudos de Numendajú (1983), que relata sobre o nome da comunidade, citado pela primeira vez como pinarés e pinagés, passando, posteriormente, para Apinayé.

2 Parafraseamos Manoel de Barros (2015), em seu poema com esse mesmo título, ao recordar de sua infância no campo.

3 Na sociedade Apinayé existem dois tipos de família, a nuclear, formada pelos pais e filhos, e a extensa, que comporta também o marido que se agrega à família da esposa, e sua “parentela” (Nimuendajú, 1983; Damatta, 1976).

4 *Vayangá* é o curandeiro na cultura Apinayé.

5 Entrevista com uma senhora idosa na Aldeia São José, durante a pesquisa de campo (2015).

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 09/02/2023
Aprovado em: 22/03/2023
Publicado em: 30/05/2023

Received on February 09th, 2023
Accepted on March 22th, 2023
Published on May, 30th, 2023

Contribuições no Artigo: Os(as) autores(as) foram os(as) responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The author were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

Não tem.

Funding

No funding.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Locatelli, R., & Rezende, J. R. (2023). *Infância Indígena Apinayé: reflexões sobre o ser criança na aldeia*. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 8, e15692. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e15692>

ABNT

LOCATELLI, R.; REZENDE, J. R. *Infância Indígena Apinayé: reflexões sobre o ser criança na aldeia*. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 8, e15692, 2023. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e15692>